

O NOSSO PÚBLICO

Susana Pinto tem um sorriso grande no rosto e uma boa disposição contagiante. É impossível ficar indiferente ao que diz, mesmo que a fala lhe saia traída pela paralisia cerebral com que nasceu há 52 anos. Sentada na cadeira de rodas elétrica em que se movimenta com uma mestria impressionante, garante que quando quer vir ver uma peça de teatro ao São Luiz não perde tempo a pensar se vai ter de enfrentar muitos obstáculos. “Compro os bilhetes online ou venho à bilheteira e no dia do espetáculo, sou encaminhada para as frisas e vejo o que escolhi ver. Não é assim tão complicado. Nunca me perco em pensamentos de ‘ai, como é que vai ser?’. É importante que pessoas com paralisia cerebral e outras deficiências não tenham receio de vir ao teatro só por acharem à partida que vai ser muito difícil. Porque não é assim tanto.”

PENSAR FORA DA CAIXA

Mesmo deslocando-se numa cadeira de rodas, **SUSANA PINTO** não deixa de vir ao teatro. Desconstruir as dificuldades existentes para quem tem uma deficiência e sensibilizar quem não a tem para estas questões tornou-se o seu objetivo

Texto de Gabriela Lourenço / Fotografia de Estelle Valente

A autonomia, Susana ganhou-a – tal como ao gosto de vir ao teatro – desde pequena. “Os meus pais foram uns visionários que tiveram como objetivo que eu fosse autónoma. Sempre me empurraram para ir e fazer coisas e isso fez com que eu sempre arranjasse ferramentas para ser o mais autónoma possível. A minha irmã também foi sempre um apoio grande”, conta, lamentando que muitas pessoas com deficiência não experimentem sequer sair de casa. “Não se veem quase cadeiras de rodas nas ruas – talvez só nos centros comerciais. Isso acontece, não só por questões de má acessibilidade, mas também por medo de se ir. A minha postura com tudo é a de aproveitar o que está bem e não estar sempre a resmungar e a dizer mal. O que está mal tem de ser referenciado, mas tem de se dar palco ao que está bem. Devemos usufruir do que existe.”

É por isso que, sempre que pode, guarda tempo para ver espetáculos, normalmente acompanhada pelo namorado, que também anda numa cadeira de rodas, ou por amigos. “Gosto de teatro pela proximidade com os atores, sinto que a energia e a emoção do palco passam para quem está a ver.” Quanto a preferências, revela, vai

pelos clássicos e é mais dada a tragédias do que a comédias. “Escolho sempre peças que me façam pensar, não acho grande piada quando é só entretenimento”, sublinha. No São Luiz, apesar de já terem passados quase 10 anos, não esquece a *Ode Marítima*, de Álvaro de Campos, que aqui viu, interpretada por Diogo Infante e João Gil. “Fartei-me de chorar baba e ranho. Aquele texto fantástico emocionou-me e a interpretação foi tão forte. A capacidade de dizer o texto em monólogo comoveu-me, ainda mais com a música tocada ao vivo”, descreve.

Formada em Gestão pelo ISCTE e a trabalhar na Câmara Municipal de Lisboa, na área da Habitação, Susana não é nunca de ficar quieta, já se percebeu. Muito menos de desistir. Quem integrou duas equipas paralímpicas de natação e nunca deixou de ir às aulas mesmo não haven-

do elevador e tendo de subir escadas não se deixa intimidar pelas dificuldades. “Quando estive nos Jogos Paralímpicos, vi problemas bem maiores do que o meu. Relativizo a minha deficiência e deixo de lado a vitimização. É sempre uma procura pelo copo meio cheio”, assegura. Não admira que tenha como projeto de vida desconstruir os mitos de que tudo é difícil para quem tem uma deficiência. “Também penso que deve existir um compromisso, porque sei que Lisboa tem altos e baixos e que não vou ter nunca uma cidade aplanada. Sei que nunca vou ter uma cidade ou um Teatro completamente adaptados a mim – até porque não existem ideais: o que é bom para mim pode não ser bom para outros. Do lado de quem não tem deficiência, é importante existir uma sensibilização dos recursos humanos, para ninguém ficar atrapalhado quando vê pessoas diferentes daquilo a que está habituado. Porque não vale a pena ter uma rampa de acesso se depois não se sabe reagir a quem não é igual.”

No confinamento, Susana fundou a associação Fora da Caixa, quando percebeu que a maioria das pessoas (as que encontrava nos muitos *workshops* online em que se inscreveu) não sabia a diferença entre paralisia cerebral e défice cognitivo. Tem feito ações de sensibilização sobre o tema e está a desenvolver mentorias com jovens mulheres com paralisia cerebral para combater os seus receios. Um trabalho onde quer incluir atividades que possam escolher (“ter essa possibilidade pode ser revolucionário”) e isso passará, espera, por idas ao teatro – um espaço onde, confessa, nunca vê muitas pessoas com deficiências. Susana acredita que isso pode e deve mudar. E nada como começar a olhar o mundo de outra forma – assim mesmo, *fora da caixa*, como ela própria se reconhece. ■

